

Os cravos da morte na cidade Jardim: A Procissão dos Passos em Estância, Sergipe (1850-1920)

MAGNO FRANCISCO DE JESUS SANTOS

Resumo

A Procissão dos Passos é considerada uma das principais celebrações do período quaresmal. Marcada por fortes traços da teatralidade barroca, a solenidade foi alvo de registro de memorialistas, constituindo um relevante locus documental sobre a religiosidade e das principais cidades de Sergipe. Esse trabalho tem foco a Procissão dos Passos na cidade de Estância no período entre o final do século XIX e início do XX. O propósito desse estudo é compreender as diferentes representações inerentes à celebração a partir de seus elementos de teatralidade. A procissão que em algumas cidades possuía características penitenciais, em Estância era uma ocasião de demonstrar o prestígio social da elite local. Utilizando como fonte os registros de memorialistas como Gilberto Amado e artigos publicados nos jornais de Estância e Aracaju, esse estudo tenta reconstituir os cenários e episódios que marcaram as solenidades da semana santa.

Palavras-chave

Religiosidade, Festa, Procissão, Estância.

Carnations death in the city Garden

The Procession of the steps in Estância, Sergipe (1850-1920)

Abstract

The Procession of the Stations is one of the main celebrations of the Lenten period. Marked by strong features of baroque theatricality, the ceremony was the target of registration of memoirs, constituting an important locus documentary about religion and the major cities of Sergipe. This work has focused on the Procession of the Stations in the town of Estancia in the period between the late nineteenth and early twentieth centuries. The purpose of this study is to understand the different representations inherent in the celebration from its elements of theatricality. The procession that in some cities had characteristics penitential in office was an opportunity to demonstrate the social prestige of the local elite. Using as a source of the records and memoirs as Gilberto Amado articles published in newspapers of office and Aracaju, this study attempts to reconstruct the scenes and episodes that marked the celebrations of Holy Week.

Keywords

Religiosity, Feast, Procession, Estância.

Introdução

A sociedade brasileira do período entre o final do século XIX e início do século XX foi marcada por uma série de transformações em diferentes âmbitos. De todos os lados ocorriam rupturas, conflitos, redefinição de espacialidades que criavam uma atmosfera propensa a dúvidas, incertezas e, principalmente, reestruturação das instituições mais relevantes do país. No caso da Igreja Católica, as reformas apresentavam-se como portadoras de um caráter profundo e regulador, na qual as práticas devocionais populares estavam no escopo do clero.

Em diferentes escalas, as celebrações católicas passaram a sofrer alterações, visando adequar-se ao ritual romano e eliminar os elementos vistos como reminiscências do paganismoⁱ. Um sinal evidente das reformas que ocorreram no catolicismo brasileiro foi a entrada de sacerdotes europeus, que a partir do último quartel do século XIX passaram a controlar os maiores santuários de convergência de romeiros, como Aparecida, Trindade e Bom Jesus da Lapa. Para provocar as reformas era preciso afastar as práticas consideradas profanas do âmbito das solenidades religiosas, fortalecendo o aspecto penitencial e austero de fé. Com isso, “nessa mesma época, houve um esforço por parte da hierarquia católica de exercer um controle mais eficaz” (Azzi, 2001, p. 477).

Foi nesse cenário que romarias tradicionais, de grande apelo popular, passaram a ser administradas pelos padres redentoristas. Além disso, nas primeiras décadas do século XX propagaram-se as santas missões realizadas por capuchinhos que adentravam às áreas mais longínquas e realizavam uma nova evangelização. Entre as principais ações dos capuchinhos nessas santas missões destacaram-se os sermões e estímulo a confissão, as obras de caráter social e construção de igrejas.

Mesmo em locais em que as novas ordens religiosas não assumiram o controle das celebrações, o caráter reformador paulatinamente impregnou-se. Certamente foi o caso de Sergipe. Ao longo do século XIX a menor província do Império constitui um catolicismo considerado desregrado e perigoso, dissonante dos ditames estabelecidos pela Arquidiocese da Bahia. Uma das causas alegadas pelo clero para o distanciamento das práticas devocionais dos sergipanos em relação ao que era esperado pela hierarquia católica era a falta de sacerdotes e a distância entre as paróquias da província e o seu arcebispado em Salvador (Souza, 2008).

Visando estabelecer um novo parâmetro para o campo religioso sergipano, no alvorecer do século XX algumas medidas foram tomadas. Uma delas foi a entrega de algumas paróquias aos franciscanos, que com frades vindos da

Alemanha teriam como missão moldar as romarias de maior aglomeração de fiéis aos padrões desejados pelo Vaticano. Foi o caso da Paróquia Nossa Senhora das Vitórias, da cidade de São Cristóvão e da Paróquia Santo Antônio em Aracaju. Elas passaram a ser geridas pelos franciscanos nos primeiros anos do século XX (Santana Filho, 2008). A escolha das paróquias não ocorreu de modo aleatório. Tratavam-se dos locais que reuniam as principais celebrações do catolicismo popular sergipano, com as respectivas festas do Senhor dos Passosⁱⁱ e Bom Jesus dos Navegantesⁱⁱⁱ.

A outra ação ocorreu no segundo decênio do século XX, com a criação da Diocese de Sergipe, que teria como principal repercussão a maior eficiência na vigilância do clero por parte da hierarquia eclesiástica (Andrade, 2010). Em meio a esse turbilhão de mudanças, inúmeras animosidades eclodiram na sociedade sergipana, tendo como protagonistas o clero reformador e os leigos, antigos detentores do poderio sobre os templos e celebrações religiosas.

O catolicismo sergipano oitocentista, assim como o de outras regiões do Brasil, estava estruturado sob os auspícios de diversas ordens terceiras, irmandades e confrarias. Os leigos detinham o poder religioso e estavam no cerne das práticas devocionais caracterizadas pela penitência, exortação das celebrações públicas e júbilo dos funerais. Em praticamente todas as cidades e vilas era possível encontrar os leigos organizados em irmandades, que reafirmavam o lugar social de cada segmento que compunha a sociedade.

Apesar da relevância de status entre as instituições, é perceptível na documentação que ao longo do século XIX não havia uma distinção clara entre as mesmas. Essa ambigüidade ocorria principalmente entre as irmandades e confrarias, que quase sempre compartilhavam as mesmas igrejas e provocavam imprecisão nas nomenclaturas. Isso acarretou em equívocos nos estudos sobre a religiosidade sergipana, tendo em vista que algumas associações ora foram registradas como irmandades, ora como confrarias, acarretando na imprecisão do número de associações de leigos que operou em Sergipe.

Até mesmo a documentação eclesiástica não apresenta uma definição contundente a respeito. Em muitos casos, as confrarias aparecem como uma associação subordinada a uma irmandade situada no mesmo templo, sem expor, os traços definidores de distinção entre as mesmas^{iv}. Essa imprecisão entre irmandades e confrarias não são restritas à documentação. Até mesmo as pesquisas acadêmicas revelam a ambigüidade entre os dois tipos de associações de leigos. É o caso de Laima Mesgravis que assim conceitua:

Do modelo das corporações, que é conforme sabido, além da regulamentação do exercício da profissão, da qualidade e preços do produto, também tinham como objetivo a assistência mútua entre seus associados emergiram as

confrarias. É que as corporações que se reuniam sob uma bandeira e o nome de um santo e mantinham uma caixa comum para as necessidades assistenciais, geralmente limitavam o seu auxílio aos próprios membros, embora alguns tivessem chegado a edificar enfermarias e hospitais. As confrarias ou irmandades eram formadas por leigos (Mesgravis, 1972, p. 21).

No entanto, a conceituação mais aceita foi estabelecida por um dos pioneiros nos estudos sobre as associações de leigos no Brasil, Caio César Boschi. Ele define que:

O incremento do culto público é que imprime o tomus próprio às confrarias, embora não se deva menosprezar a importância que a organização orgânica e o modus faciendi de ereção também tem entre os traços distintivos dos dois tipos de sociedades. As irmandades, apesar de possuírem características semelhantes às das pias uniões, particularizavam-se por ter organização hierárquica, bem retratada no seletivo e restritivo ato de admissão de seus membros (Boschi, 1986, p. 15).

Nesse sentido, as festas e procissões constituíam o principal apanágio das irmandades sergipanas. Prova disso é que parte considerável da arrecadação das esmolas era destinada a tal fim. O monopólio das irmandades na realização das festas e procissões foi desestruturado com as ações romanizadoras do clero em Sergipe. A medida que o clero assumia o controle das celebrações e templos, o prestígio e poderio das irmandades era reduzido.

Nesse artigo, o foco de estudo são os elementos de teatralidade inerentes às celebrações religiosas da Semana Santa na cidade de Estância, sul de Sergipe, entre o final do século XIX e início do século XX. Trata-se de um período fecundo em transformações salutares nas práticas religiosas, com a ação reformadora do clero em atrito com a resistência dos devotos organizados em irmandades.

Desse modo, romeiros, padres, viajantes e intelectuais se inseriam nas mesmas solenidades, postos em ângulos distintos no intuito de constituir representações próprias para as celebrações. No intento de entender o objeto em sua complexidade, foi utilizado como fonte a documentação proveniente de diferentes instituições e segmentos sociais, como textos memorialistas e de viajantes, crônicas da imprensa local e compromissos das irmandades da referida cidade. A confluência desses diferentes olhares pode propiciar a interlocução do tema, pois evidencia sinais que extrapolam os aspectos teatrais da visão de mundo barroca e revelam os aspectos de uma sociedade em conflito.

1. No Jardim de Sergipe nem tudo são flores: irmandades e sociabilidades

Em 1860 o imperador Dom Pedro II realizou uma viagem pelas províncias do norte e passou por Estância, onde teria dito que ali era “o jardim de Sergipe”. O monarca brasileiro descreveu detalhadamente os aspectos mais marcantes da cidade e registrou sua impressão com alguns pontos positivos e outros tantos permeados por dúvidas:

Ponte da Cachoeira 9 pegões sobre o Piauí que é o que subimos para a cidade. Depois da confluência com o Piauitinga; aspecto lagado do rio na Cachoeira. Cemitérios novo em construção, e velho onde enterravam e achei vacas pastando; casa que serviu aos bexigentos que foram 135 morrendo 11. Chácara ou antes sitio do Monsenhor Silveira agora de outro – boas plantações de plantas uteis e até de flores – cafés muito carregados de flores dando muito bem aqui assim os vi também em S. Cristovão no caminho para o cemitério. Igreja do Bonfim em obras, do Amparo. Boa água para beber, mas não é a mesma de todos os lugares segundo me tem parecido ou talvez dependa a melhoria de ser dormida. Guarda nacional mal organizada como em outros lugares; falta de instrutores. Não conhece no Guariba; mas um lugar Biriba. Boas laranjas. A matriz tem sido reparada. O local da cidade parece-me excelente. A ponte da Cachoeira em 1854 e acabou em 1857 (Pedro II, 1965, p. 77).

A descrição imperial exhibe uma cidade contraditória. Se por um lado aparecem autoridades e sítios com boas plantações de cafés e flores, água de boa qualidade e uma excelente localização da localidade, por outro lado, nos confins da mesma cidade apareciam os lazaretos e seus enfermos, evidenciando os problemas de saúde pública e a desorganização de tropas e até mesmo do cemitério. No dia 20 de janeiro de 1860 “O Jardim de Sergipe” aparentava mais uma perspectiva de progresso do que uma realidade de estabilidade.

A atribuição dessa frase ao imperador reforça uma hipótese consolidada na historiografia sergipana de que Estância era uma das principais povoações da província na segunda metade do século XIX, tendo como fulcro de sua economia a produção açucareira, o comércio e a indústria têxtil. Provavelmente esse tenha sido um dos fatores que tenha estimulado a realização de investigações históricas sobre a lupa econômica^v.

A cidade banhada pelas águas do Rio Piauitinga se destacava no cenário sergipano pela sua exuberância econômica transposta para a arquitetura dos seus casarões. Viajantes do início do século XX que passaram por Sergipe registraram a impressão que tiveram da cidade, destacando o seu aspecto progressista e de efervescência econômica. Antônio Moniz de Souza afirmou em seu livro de memórias que na Estância “é melhor ser traficante ali do que cavar

ouro” (Souza, 2000, p. 72). Trata-se de uma assertiva que evidencia os grandes lucros obtidos pelos mercantes locais.

Um caso elucidativo é do francês Paul Walle, que nos idos de 1910 percorreu um itinerário pelo litoral brasileiro entre o Espírito Santo e o Amazonas e que no mesmo divulgou suas anotações sobre a viagem e afirmou de forma contundente:

Estância, que conta atualmente com 15.000 habitantes, vem a ser, depois de Aracaju, a cidade mais importante do Estado, e na qual talvez se concentrem mais indústrias do que na própria capital. Ela possui, de fato duas grandes empresas de fiação de algodão, fábricas de tecidos, duas indústrias de calçados, duas de óleos e sabões, conservas alimentares, etc. São numerosas e fortes as casas de comércio (Walle, 2006, p. 112).

Pela descrição detalhada do viajante, a cidade de Estância se destacava como o mais promissor centro industrial de Sergipe e ainda possuía um comércio de realce a nível estadual. Aires Casal corroborou com a conclusão do viajante francês e foi ainda mais audacioso na descrição comparativa da localidade, ao declarar que a cidade de Estância era “a mais populosa, e comerciante de toda a Província, sem excetuar a capital” (CASAL, 1976, p. 240).

Além disso, a localidade se destacava com os seus aspectos arquitetônicos, principalmente com azulejaria portuguesa do casario e com “os melhores edifícios desta cidade” (Walle, 2006, p. 112), entre os quais se destacavam, “além do Hospital, o Club Comercial e a União Caixerai (Clube ou Sociedade dos empregados do comércio, instituição muito importante e florescente no país)” (Walle, 2006, p. 112). Eram edificações que estavam localizadas no centro comercial da cidade, quase todas entre a matriz Nossa Senhora de Guadalupe e a Igreja Nossa Senhora do Rosário, pois:

Outro indicador de prestígio social neste mundo mercantil era o local onde estavam fixados os estabelecimentos, já que ter acesso as melhores casas tornava-se indispensável à boa apresentação. Os mais prósperos negociantes, como é o caso dos atacadistas, estabeleceram suas lojas próximas à Igreja Matriz da cidade, estendendo-se até o Largo da Igreja do Rosário e os seus armazéns e trapiches próximos ao porto da cidade (Silva, 2005, p. 137).

Ao que tudo indica, a diversificação de atividades econômicas foi uma das tônicas da cidade. Ao ser aliado o comércio e a indústria com a tradicional atividade açucareira, tornou-se possível constituir na localidade uma elite que desfrutou de prestígio social e político. Essa constatação foi observada por Francisco José Alves dos Santos:

No século XVIII a região se desenvolve sobretudo graças à cultura da mandioca e da cana cujos produtos eram exportados por meio do seu porto fluvial para Bahia e Pernambuco. No oitocentos passa o povoado a ser sede da vila (até então na vizinha Santa Luzia) tornando-se por essa época um dos principais entrepostos mercantis da então província de Sergipe. Nessa fase destaca-se o comércio realizado predominantemente por portugueses vindos da Bahia e aí fixados. A partir da segunda metade daquele século, inicia-se o processo de industrialização com a instalação de algumas fábricas de tecidos por representantes da colônia lusa na cidade (Santos, 1985, p. 63).

A composição de uma hierarquia social local contribuiu para a disseminação de irmandades^{vi} leigas em Estância. Além de servirem como associações de leigos em torno de uma devoção e se preocupar com os problemas atinentes a morte e as festividades religiosas, também possuíam um caráter econômico, tendo em vista que “na ausência de um sistema de crédito oficial e de um sistema bancário, que atendessem a todos, os agentes de financiadores continuaram sendo exercidos pelas grandes casas comerciais e irmandades religiosas” (Silva, 2005, p. 105). Nos últimos decênios do século XIX a população católica estava dividida em três importantes congregações de leigos, que controlavam as principais celebrações da Igreja. Tratava-se das irmandades do Santíssimo Sacramento, do Bom Jesus dos Passos e de Nossa Senhora do Rosário.

A distribuição populacional entre tais associações evidenciava a segregação social existente na “cidade jardim de Sergipe”. A principal entre elas era a irmandade do Santíssimo Sacramento, que tinha por sede a imponente igreja matriz Nossa Senhora de Guadalupe, vista na época como “um dos mais belos templos do interior” (Walle, 2006, p. 112). Essa irmandade era responsável pela organização da festa de *Corpus Christi* e das solenidades da Semana Santa. Tratava-se simplesmente dos principais eventos religiosos da cidade e que congregava não somente a elite local, como também parte significava das camadas populares de toda a região sul do estado.

Por meio da Resolução nº 350 de 14 de maio de 1852 foi aprovado o compromisso da Irmandade do Santíssimo Sacramento de Estância, ao afirmar no Artigo 1º que “Fica aprovado o compromisso da irmandade do Senhor Santissimo Sacramento da freguezia de N. S. de Guadalupe da cidade da Estancia, approvedo pelo poder ecclesiastico na parte respectiva aos 18 de fevereiro de 1848” (Santos, 2008, p. 28).

O documento deixa evidente a preocupação em aprovar o compromisso conforme as determinações da Igreja, principalmente no que se refere às questões da moral, pois o Artigo 2º do Compromisso expõe que “O fim geral é promover a pratica de todas as virtudes moraes e religiosas, e a maior devoção e culto de tão Augusto Sacramento, o particular a festa de *Corpus Christi*, e da Semana Santa” (Santos, 2008, p. 28).

O compromisso aprovado em 1848 é um testemunho valioso sobre as representações e atribuições inerentes a referida irmandade. Todavia, deve-se ressaltar que o documento em questão trata-se de um registro de caráter normativo e que nem sempre o que era regulamentado pelo clero e pelo Estado era posto em prática. Daí parte a necessidade de se averiguar tais registros documentais em confronto com fontes de origens diferenciadas. É a confluência de olhares que possibilita o historiador entender a trama histórica de modo mais verossímil do vivido.

Outro ponto que deve ser observado é sobre a longevidade da Irmandade do Santíssimo Sacramento em Estância. O próprio documento evidencia que a organização da irmandade remontava de um período bem anterior a regulamentação, como pode ser observado:

Art. 1.º A irmandade do Santissimo Sacramento existente quasi a um seculo na matriz e freguezia de N. S. de Guadalupe da cidade constitucional da cidade da Estancia é a reunião de pessoas de ambos os sexos com denominação de irmãos do Santissimo Sacramento (Santos, 2008, p. 28).

Esse aspecto observado não é insueto no tocante às irmandades brasileiras do período colonial e imperial. Muitas vezes as associações de leigos passavam anos e até mesmos séculos sem haver uma oficialização ou ter seu compromisso aprovado. Algumas nunca chegaram a ser reconhecidas oficialmente, fato que dificulta o estudo sobre a propagação dessas instituições no país. No caso de Sergipe, especificamente, a maior parte das irmandades só obteve a aprovação dos compromissos nos oitocentos. Desse modo, pode-se considerar que um contingente considerável de irmandades atuou sem haver o reconhecimento por parte do Estado e do clero.

No caso da Irmandade do Santíssimo Sacramento de Estância ainda havia outro ponto que não pode ser negligenciado. Trata-se do fato da dubiedade na nomenclatura da mesma nos registros documentais, tendo em vista que no título da Resolução 350 de 14 de maio de 1854 ela aparece como Irmandade Nossa Senhora de Guadalupe e no mesmo documento, assim como em todo o compromisso a nomenclatura que aparece é referente ao Santíssimo Sacramento. Isso deve ter ocorrido por conta da patrona da igreja matriz em que a irmandade foi ereta ser Nossa Senhora de Guadalupe. Era a igreja em que ocorriam as principais celebrações da cidade.

Entre as obrigações dos irmãos do Santíssimo Sacramento estavam as procissões de Corpus Christi e as solenidades da Semana Santa. No entanto, o compromisso evidencia que ao contrário do que ocorria em outras regiões do país, o foco motriz da irmandade não consistia na pompa das celebrações em torno do “Corpo de Deus”, pois ao tratar das festas do Santíssimo Sacramento e

da Semana Santa no Artigo 3.º, o compromisso expõe que “Ambas as festas serão solemnisadas com a maior pompa e magnificencia do paiz; mas na impossibilidade, a de *Corpus Christi* se fará com Missa solemne simplesmente, sermão, e procissão” (Santos, 2008, p. 29). Esse artigo é revelador, pois evidencia que uma das principais tradições do catolicismo no Brasil poderia ser celebrada com “missa solene simplesmente”.

Na sociedade estanciana dos oitocentos o foco central não era a Eucaristia, mas sim a trama que envolvia a paixão e morte de Cristo. Apesar de haver uma preocupação da igreja em renovar o campo devocional no país, na cidade do Piauí prevaleciam as devoções do Cristo sofredor, das imagens que aproximavam o sagrado da humanidade martirizada pela exclusão social. Um sinal comprovador dessa assertiva é a o destaque que foi dado às celebrações da Semana Santa no compromisso da Irmandade do Santíssimo:

A Semana Santa com todos os actos classificados e numerados pela forma seguinte; - 1.º - Officio de Ramos, Paixão, Missa cantada e procissões - 2.º - Sermão, Passos e procissão - 3.º - Officio de Trevas na quarta-feira, Missa cantada e procissões de quinta-feira de manhã - 4.º - Lava-pés e sermão a tarde - 5.º - Trevas, sermão da Paixão e procissão de fogaréos - 6.º - Enterro, Paixão e procissões na manhã de sexta-feira - 7.º - Descimento e procissão á tarde - 8.º - Trevas e sermão de lagrimas á noite - 9.º - Aleluia, Exultet, procissões e Missa cantada - 10 - Missa cantada, Sermão, e procissão da Ressureição (Santos, 2008, p. 29).

O compromisso evidencia a exuberância de celebrações na principal semana do catolicismo. O documento tratava da prerrogativa de se realizar em apenas uma semana oito procissões, cinco sermões, dois ofícios e três missas cantadas. Isso sem mencionar celebrações como lava-pés, narrativas da paixão e o espetacular descimento da cruz. Nos anos em que o compromisso era seguido rigorosamente, a cidade se convertia em grande palco dos dramas envoltos na Paixão de Cristo.

Os irmãos do Santíssimo Sacramento tentavam reproduzir um legado herdado das gerações anteriores. O caráter piedoso das solenidades deveria ser explorado ao máximo, por meio de imagens sacras que evidenciavam o sofrimento de Cristo e da pompa que remetia ao poderio da irmandade perante as demais. O compromisso evidencia que as celebrações da Semana Santa eram de acordo com a tradição católica, muito provavelmente popular, pois nele consta que “As solemnidades destes dez actos não expressas se entendem as do costume antigo” (Santos, 2008, p. 29).

Outro sinal que evidencia o prestígio das solenidades da Semana Santa em detrimento da de *Corpus Christi* é concernente a arrecadação de fundos para a

realização dos respectivos atos. Segundo o compromisso da referida irmandade de 1848 deveria ocorrer da seguinte forma:

Art. 4.º A festa do Santissimo Sacramento será feita com a joia do juiz, e quando elle se limite ao minimo della, á custa do cofre da irmandade se fará a procissão.

Art. 5.º A Semana Santa será feita com as joias voluntarias dos devotos da Paixão e morte do Redemptor, com os irmãos, e povo agricola, commercial, industrial e artista que d'ora em diante ficão sendo os seus ministros perpetuos, com as dos mezarios, ministros e ministras annuaes, com os esforços dos sub-ministros, com as esmolos as imagens a sextafeira Santa a noite, e finalmente o restante pelo cofre da irmandade (Santos, 2008, p. 29).

Segundo consta no compromisso, enquanto as celebrações do Corpo de Deus deveriam ocorrer às custas da jóia do juiz e em ocasiões especiais a custa do cofre da irmandade, a Semana Santa seria realizada as custas das doações de toda a população local, das esmolos deixadas e dos donativos de irmãos e dos cofres da irmandade. Provavelmente, a arrecadação da Semana Santa deveria ser muito superior ao valor da jóia do juiz da associação, mesmo se tratando de uma irmandade de brancos^{vii}.

Apesar de ser a irmandade responsável pela realização das solenidades da Semana Santa, inclusive a Procissão do Encontro, que era costumeiramente realizada no Domingo de Ramos, a Irmandade do Santissimo Sacramento não detinha o monopólio do controle sobre a imagem do Senhor dos Passos da igreja matriz. Isso porque em a Lei número 721 de 28 de abril de 1865 foi aprovado o compromisso da Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos. Tratava-se de mais uma irmandade da elite branca de Estância, como determinava o compromisso:

Art. 1º. A Irmandade do Senhor do Bom Jesus dos Passos é a reunião de todas as pessoas de qualquer nacionalidade, idade e sexo, com tanto que sejam brancas, de reconhecida probidade e bons costumes, e professem a Religião Catholica Apostolica Romana, que nella se quiserem alistar e sugerir-se aos capitulos de seo compromisso e accordãos da Meza regedõra: seo numero é illimitado, podendo ser admittidos menores, com licença de seus pais ou tutores (Santos, 2008, p. 116).

Como se pode perceber, a principal restrição da irmandade refere-se a cor. Isso reflete a preocupação da elite estanciana em delimitar os espaços sagrados e constituir mais uma irmandade voltada para o culto religioso. No entanto, a proposta dos irmãos do Bom Jesus dos Passos tentou criar mecanismos de restrição que não mais condiziam com a realidade da legislação do Império. De acordo com a Resolução número 432 de 13 de setembro de 1862, a inclusão da cor como critério de distinção nas irmandades estava proibida, pois o “§ 8, que

considera antechristã e inconstitucional semelhante condição” (Santos, 2008, p. 28).

Nesse caso, o compromisso da Irmandade Bom Jesus dos Passos apresentou uma proposta que estava em desacordo com a legislação nacional a três anos. O compromisso também revela outro ponto relevante. É sobre a sua relação com a Irmandade do Santíssimo. As duas associações de brancos da elite estanciana compartilhavam o mesmo templo e o compromisso evidencia que a interação entre as mesmas não se limitou ao uso da matriz, pois ao tratar sobre a capela no Capítulo 9 do compromisso dos Passos:

Art. 21. A Irmandade edificará uma capella no altar de Santo Antonio na matriz desta cidade, que lhe ficará pertencendo como sua propriedade, para o que obterá licença do poder competente e nella se collocará o Senhor Bom Jesus dos Passos, e mais algumas imagens da Irmandade do Santissimo Sacramento em compensação dos favores que lhe fizer a mesma Irmandade (Santos, 2008, p. 121).

O compromisso estabelecia uma redefinição do espaço na matriz Nossa Senhora de Guadalupe. O antigo altar de Santo Antônio passaria a abrigar a Irmandade dos Passos. Não só isso! O documento também estabelece uma política de cooperação entre as duas irmandades abrigadas na matriz estanciana, incluindo a uso comum das imagens devocionais.

A imagem de roca do Bom Jesus dos Passos se tornava alvo de devoção das duas principais irmandades da cidade e, além disso, participaria em momentos diferentes, das festas realizadas pelas irmandades. Assim, na Semana Santa o Bom Jesus dos Passos sairia com a imagem de Nossa Senhora das Dores na Procissão do Encontro, organizada pela Irmandade do Santíssimo e no mês de setembro haveria a festa do Bom Jesus sob a organização da Irmandade dos Passos.

Ao tratar sobre a festa, o compromisso da Irmandade do Bom Jesus dos Passos estabelecia no Artigo 22 que “A festa da Irmandade é a do Senhor Bom Jesus dos Passos, que sempre terá lugar no dia da exaltação da Santa Cruz, ou no domingo que se segue a este dia, precedendo um setenario” (Santos, 2008, p. 121). Com isso, enquanto uma associação celebrava a Paixão de Cristo com tônica piedosa, a outra solenizava o festejo do patrono.

Outro ponto que a ser enfatizado é que o compromisso preconiza que a irmandade se constituía em torno da devoção ao Bom Jesus dos Passos e que a imagem pertencente aos irmãos do Santíssimo seria transferida para o altar de Santo Antônio em compensação a favores que poderiam fazer. Trata-se de uma ação de cooperação entre os confrades que compartilhavam o mesmo templo e, ao que tudo indica o mesmo prestígio social. As duas associações piedosas

constituídas por brancos desde os primeiros momentos estabeleceram a necessidade de se firmar laços de solidariedade mútua.

Esses laços se tornavam mais visíveis nos momentos de solenidades públicas, principalmente por conta da realização das procissões em que a irmandade responsável pela organização da celebração convidava os irmãos das demais associações. No caso de Estância, desde a segunda metade dos oitocentos a elite local encontrava-se dividida entre as irmandades do Santíssimo e do Bom Jesus dos Passos. Todavia, no fim de século a sociedade local passou por mais uma redefinição do espaço sagrado, reestruturando as sociabilidades da cidade.

Essa metamorfose do campo religioso estanciano que ocorreu a partir da segunda metade do século XIX está relacionada à Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, localizada em templo próprio nas proximidades da igreja matriz. Como se pode deduzir pelo próprio nome da associação, os irmãos do Rosário eram afrodescendentes, ou seja, tratava-se da irmandade que reunia a população pobre da cidade, um contraponto as irmandades sitas na matriz.

Contudo, a trajetória da Irmandade do Rosário foi marcada por um processo de elitização. A partir do terceiro quartel do século XIX a elite estanciana passou paulatinamente a se apropriar dos principais cargos diretivos da associação, tendo como repercussão direta o afastamento dos segmentos populares. A irmandade que outrora havia sido associada aos escravos e ex-escravos negros, passou a ser vista como a congregação da elite branca. A elitização não ficou restrita a irmandade. A igreja do Rosário também foi apropriada pela elite estanciana, como atestam estudos sobre a mesma:

A Igreja de Nossa Senhora do Rosário, por sua vez, começou a ser construída em 1772 pela Irmandade do Rosário para lhe servir de sede. Era composta, essa irmandade, inicialmente, de escravos, livres e libertos. (...) Escravos e libertos vão desaparecendo, ao passo que elementos da aristocracia vão nela ingressando (Santos, 1985, p. 64).

O historiador sergipano evidencia que a elite estanciana se apoderou das irmandades da cidade, controlando todas as festas e os dois principais templos. Assim, “a partir da segunda metade do século XIX há um processo de elitização” (Santos, 1984, p. 16) da irmandade anteriormente constituída por escravos e libertos. A referida igreja desde a badalada visita do imperador já era vista como um dos principais templos católicos, pois o mesmo comentou que a “Igreja do Rosário obra quase nova bem adiantada, com uma nave, e outras duas meias naves, tendo se gasto de dinheiro só 5 contos; ficará melhor templo” (Pedro II, 1965, p. 76). O período da elitização da Irmandade do Rosário

coincide com o das reformas no âmbito da Igreja Católica, que teve como uma das repercussões o enfraquecimento das associações de leigos e o maior controle dos templos e festas religiosas pelo clero.

No caso de Estância, as solenidades que tinham por palco a matriz, paulatinamente foram absorvidas pela autoridade eclesiástica, enquanto as suas duas irmandades tiveram seu prestígio abalado. Não significa dizer que as mesmas chegaram a desaparecer. Pelo contrário, a Irmandade do Santíssimo Sacramento foi a que conseguiu a maior perenidade em suas atividades, sobrevivendo diante das inúmeras metamorfoses que a Igreja católica passou ao longo do século XX. No entanto, essa perenidade só tornou-se possível graças a abertura da mesma para as intervenções do clero.

Provavelmente a elitização da Irmandade do Rosário tenha advindo em decorrência de tais ações reformadoras que incidiram no seio da Igreja. Prova disso o Rosário se transformou em “templo da elite tradicional” (Santos, 1985, p. 64). No período entresséculo, a referida igreja estava no imo das principais celebrações da cidade, incluindo algumas das procissões da Semana Santa, foco desse estudo. A imponente matriz não detinha mais a primazia de reunir os fieis, pois algumas das celebrações passaram a suceder-se entre os dois templos. Até mesmo a prodigiosa Procissão do Encontro passou a incluir a igreja do Rosário como parte integrante do roteiro dos cortejos, demonstrando uma evidente redefinição da simbologia espacial da cidade e das redes de sociabilidades. Com isso, nos dias em que o cristianismo rememorava a tragédia do Senhor, Estância recriava em suas ruas e templos os palcos da Paixão.

2. O espetáculo da Paixão: pompa, desastres e sociabilidades

Último decênio do século XIX. Em Estância, principal núcleo urbano do sul de Sergipe a população vivia a expectativa de mais um espetáculo, de celebrar por mais um ano os derradeiros instantes da vida de Cristo. Tais solenidades ocorriam de modo insigne, envolvendo a participação de devotos da cidade e dos arredores. Eram os dias em que os moradores de cidades circunvizinhas e até mesmo do norte da Bahia se dirigiam a Estância no intuito de assistir às celebrações.

O compromisso da Irmandade do Santíssimo Sacramento preconizava que todas as celebrações da Semana Santa deveriam ser solenizadas por seus irmãos com a maior pompa possível. A Quaresma para os irmãos do Santíssimo era um período convulso, pois os mesmos saíam pela cidade arrecadando fundos no intuito de organizar celebrações majestosas. O próprio compromisso de 1852

determinava que alguns dos irmãos teriam a humilde tarefa de recolher as esmolas, ou seja, as piedosas doações dos “devotos da Sagrada Paixão e Morte do Redentor e jóias deixadas às imagens sagradas” (Santos, 2008, p. 29).

Como se pode perceber a pompa da solenidade da Semana Santa estanciana não estava à mercê das jóias dos irmãos do Santíssimo, mas sim da devoção popular às imagens da Paixão. Diferentes segmentos sociais, incluindo os setores agrícolas, comercial e industrial faziam doações de jóias em prol da Semana Maior. Além disso, a irmandade também tinha o direito de recolher as esmolas deixadas aos pés das imagens do seu nicho, o que certamente propiciava em arrecadações faustosas.

A doação de esmolas era tão importante, que a referida irmandade possuía cargos que tinham por objetivo angariar fundos para as suas celebrações. Eram os esmoleres. Na Irmandade do Santíssimo Sacramento havia 24 esmoleres, sendo “designados dous para cada mez tirarem esmolas em todos os domingos do anno” (Santos, 2008, p. 45). O recrutamento desses dois irmãos para saírem pelas ruas todos os domingos para pedi esmolas evidencia que havia uma relevante preocupação com os cofres da irmandade. Outro ponto a ser observado é que a coleta de esmolas ocorria sempre com a presença de dois esmoleres, que certamente tinha o intuito de assegurar que toda a renda seria destinada aos cofres da irmandade, ou seja, a dupla de confrades que saía todos os domingos do mês também deveria exercer a função de vigilância mútua. Ao final da recolha, as esmolas deveriam ser entregues aos procuradores que registrariam os valores no livro^{viii} de receitas e no de recibos da irmandade (Santos, 2008, p. 49).

Ao contrário do que a nomenclatura possa indicar, os esmoleres constituíam um grupo de reconhecida relevância no âmbito da irmandade. Eles eram considerados membros do corpo diretivo e na hierarquia da associação encontravam-se abaixo apenas do juiz, do escrivão, do tesoureiro, dos procuradores e da comissão. Os seus membros deveriam ser nomeados após a eleição dos cargos que estavam acima hierarquicamente, assim como especificava o compromisso de 1852,

Art. 53, A nomeação da comissão e esmoleres será feita na seguinte sessão ordinária especial, e imediatamente participada como é disposto no art. precedente, e na seguinte sessão se nomearão os que devem substituir aos que não aceitarão (Santos, 2008, p. 47).

Eram os vinte e quatro homens escolhidos entre os irmãos para terem a responsabilidade de tornar as festas da irmandade acontecimentos grandiosos e que tinham por atribuições:

§ 1.º Comparecer aos actos, artigo 16, quer o Sagrado Viatico saia no Pallio, na Umbella, quer a cavallo, sendo neste ultimo caso avisados.
§ 2.º Tirar as esmolos por todas as ruas entregando-as aos procuradores.
§ 3.º Attender, obedecer, e recorrer ao juiz e procuradores; e dar ao escrivão, thesoureiro e comissão os esclarecimentos necessarios por elles exigidos. As obrigações pessoaes podem satisfazer por si ou por outro irmão, e ainda por não irmão as de acompanhar o Sagrado Viatico, salvo o §2º do artigo 6.º (Santos, 2008, p. 45-46).

As normativas a respeito da organização das solenidades católicas eram rigorosas, mesmo sem ainda apresentar o poder interventor do clero. O documento de meados do século XIX evidencia que as festas eram assuntos restritos aos leigos, mesmo se tratando de eventos religiosos. Prova disso é que nas atribuições dos esmoleres do Santíssimo Sacramento designa apenas a obediência ao juiz e procuradores e não há nenhuma referência ao pároco.

Nas semanas anteriores ao Domingo de Ramos o comércio de Estância passava por um período de efervescência. As lojas apresentavam novos produtos, que geralmente não eram procurados em outras épocas do ano. Rosários, terços, cruzes e tecidos pretos não podiam faltar. As costureiras recebiam encomendas de inúmeros vestidos de gorgurão preto das senhoras abastadas. Xales e véus também estavam entre os produtos mais vendidos. O burburinho do comércio em decorrência da chegada do padre Aires para as celebrações dos Passos na Semana Santa foi registrado por Gilberto Amado^{ix} em seu livro de memórias:

Sua presença seria preamar no comércio. Sua ausência seria Semana Santa chilra, insípida. Padre Aires veio. Meteram-me nuns borzeguins de cano alto, lustrosos e duros apertaram-me numa roupa diferente, com uma gola que me picava o pescoço. Nas casas que visitávamos, o corre-corre das costuras e dos preparativos era o mesmo que lá em casa. Botinas marca Bostoch, pretas. Gorgurão rugia. A venda de rosários de uma nova marca subiu a contos de reis. Perfumes, pathuli, óleo de babosa, apopanx, canga-do-japão eram arrebatados das pratelerias; nos armarinhos esgotavam-se estoques de fio de seda e de retrós. (Amado, 1999, p. 25-26).

Como se pode perceber, as esmolos não eram o único motivo de efervescência do setor comercial na Estância de fim de século XIX. Os moradores da cidade também buscavam produtos para se apresentarem no grande espetáculo, de reafirmar o prestígio social, a distinção entre as centenas de pessoas que visitavam a localidade naqueles dias. Pela descrição de Gilberto Amado é possível afirmar que as cerimônias da Semana Santa constituíam a ocasião de maior apelo de fieis de outras localidades. No levantamento de fontes não localizado nenhum registro que destoasse dessa assertiva. Desse modo, é plausível a idéia de que a Semana Santa estanciana era a principal festa da

cidade, superando inclusive os tradicionais festejos do Natal e da padroeira, Nossa Senhora de Guadalupe.

O mesmo memorialista ainda expõe que a afluência de devotos dependia da fama dos padres que eram convidados para pregarem os sermões, mais uma vez evidenciando o caráter solene de espetáculo barroco inerente a solenidade. As alocações de vigários^x oitocentistas constituíam uma das tônicas da religiosidade católica barroca. No tempo em que os ofícios religiosos eram celebrados em latim, as homilias se tornavam o momento em que os padres falavam diretamente ao povo, buscando reafirmar os dogmas e principalmente, fortalecer os laços de piedade cristã. As prédicas deveriam ser direcionadas à emoção. Deveriam ser capazes de levar os devotos às lágrimas, de comover os fiéis mostrando-lhes o peso dos pecados e o caminho da remissão.

O período propenso às homilias era o da Quaresma. Das Cinzas ao Sábado Santo o púlpito era freqüentado pelos vigários que dramatizavam os sofrimentos e martírios de Cristo. Prova disso é o compromisso da Irmandade do Santíssimo Sacramento de Estância que estabelecia a realização dos sermões do Encontro Doloroso, do Lava pés, da Paixão, das Lágrimas e da Ressurreição. Palavras recorrentes do alto do púlpito, que faziam reviver os dramas da Paixão.

Provavelmente a celebração da Semana Santa de 1891 foi a que teve uma das mais expressivas participações dos segmentos populares. A cidade passou por inúmeras adaptações para receber os romeiros e promover as solenidades. Entre as principais ações realizadas pela Irmandade do Santíssimo Sacramento estavam as armações dos Passos, de palanques e coretos. Tratava-se de uma cenografia da Paixão, montada nas ruas e praças da cidade no intuito de promover a comoção pública, de despertar os atos de piedade cristã. Gilberto Amado descreveu os ânimos da população em receber os romeiros e ao ilustre orador sacro padre Aires em 1891:

Semana Santa na Estância.

A praça da Matriz coberta de armações e de coretos para a procissão dos Passos. Vinha gente de Buquim, do Riachão, do Lagarto, de Simão Dias, de Itabaianinha, da Cachoeira da Abadia, de Inhampube, do fundo do sertão de longe. O Itapicuru transbordou todo para a Estância, não só por devoção como por motivo especial. O padre Aires, que era de lá, viria pregar (Amado, 1999, p. 25)

A expectativa era de se realizar uma das maiores procissões já vista na localidade. De acordo com a descrição do memorialista, os romeiros se deslocavam de praticamente todos os municípios do centro-sul de Sergipe e do norte da Bahia. Tudo provocado pela presença do padre Aires. Na época, o referido sacerdote era um dos mais requisitados da Arquidiocese da Bahia para realizar as celebrações da Paixão, pois o mesmo era considerado um dos

maiores oradores sacros da região, capaz de comover os fieis com suas palavras perspicazes. A retórica do vigário do Itapicuru levava todos às lágrimas, principalmente nas cerimônias da Quaresma. Isso fez com que a sua presença tornasse alvo de disputas entre inúmeras irmandades de toda a região do Rio Real, como atesta o memorialista de Estância:

Esse padre era o Bossuet do sertão. De todos os pontos reclamavam. Tinha Semana Santa ajustada até para além da morte. Não teria tantos anos para viver quantas encomendas de sermão. Houve dúvidas se aceitava ou não pregar na Estância. Rico proprietário rural, avelhantado e reumático, não queria mais deslocar-se (Amado, 1999, p. 25).

O capital simbólico do sacerdote parecia ser inabalável. A sua presença no ato solene que celebrava os últimos passos de Jesus a caminho do calvário parecia ser um momento impar para apreciar as suas eloqüentes palavras. Mesmo em estado de enfermidade, todos desejavam ouvi-lo. Nesse intuito, na Sexta-feira das Dores^{xi}, muitos visitantes adentravam na cidade. Famílias abastadas ocupavam seus casarões e recebiam amigos de outros municípios. Senhores de engenho, comerciantes e industriais mandavam pintar suas casas. O teatro da paixão estava pronto para o espetáculo.

No sábado à noite foi realizada a procissão de transladação da imagem do Senhor dos Passos entre a matriz e a igreja do Rosário. Era um ato de piedade, sem pompa, mas que evidenciava o prestígio social do templo outrora controlado pelos negros. A procissão noturna servia para evidenciar que a Irmandade do Rosário era de elite, era branca e simbolizava status dos latifundiários e comerciantes. A sociabilidade estava passando por redefinições. Prova disso é que a elite comercial da Estância freqüentava diariamente o referido templo, como testemunha Gilberto Amado ao afirmar que “afinal meu bisavô, Manoel Luís de Souza Ferreira, voltava da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, aonde ia todos os dias de manhãzinha” (Amado, 1999, p. 9).

Definitivamente a igreja do Rosário já estava sob a tutela da elite local. Os negros e ex-escravos já eram minoria na irmandade. Provavelmente eles passaram a freqüentar a Igreja do Senhor do Bonfim, também do século XIX, mas localizada na periferia da cidade. A aristocracia açucareira controlava os principais templos católicos de Estância, assim como suas respectivas irmandades.

Os registros históricos sobre a procissão do sábado à noite são sucintos e pouco esclarecedores. Ao que indica, parece tratar-se de uma celebração menor no âmbito da Irmandade do Sacramento. Prova disso é que em muitos anos a imprensa local não chegou a mencionar a referida procissão. Quanto muito, os jornais noticiavam com notas simples quando se referiam da programação da

Semana Santa. É o caso do jornal “A Razão”, que em 1911 noticiou que “Hontem, as 7 horas da noite, foi transportada do mesmo templo (Matriz) para a Capella Santíssimo Rosário de Maria, a Imagem de Bom Jesus dos Passos, para sahir a tarde em procissão” (A Razão, 09-04-1911, p. 1).

A simplicidade do texto noticiado em “A Razão” é reveladora. Primeiro porque apresenta uma nova denominação para a igreja do Rosário, que teve sua toponímia afrobrasileira (Rosário dos Homens Pretos) desfigurada por um termo que remonta a elite branca (Santíssimo Rosário). Seria esse um sinal de que a igreja estaria sob o comando de uma elite que também fazia parte da Irmandade do Santíssimo Sacramento? São apenas conjecturas que se apresentam bem plausíveis. Outro ponto a ser observado é que o periódico estanciano não deixa claro se houve ou não uma procissão. Ao afirmar que a imagem do Senhor dos Passos foi transportada de uma igreja para outra, o texto apresenta uma perspectiva dúbia. Realmente havia uma procissão noturna conduzindo a imagem, ou a notícia se referia apenas ao transporte da mesma pelos irmãos do Santíssimo?

De acordo com a tradição quaresmal sergipana^{xiii} e com o próprio horário em que ocorreu a trasladação, é pertinente afirmar que realmente se tratava de uma procissão. Todavia, se tratava de uma celebração acanhada para os padrões da época e até mesmo diante do que costumava ocorrer nos dias subseqüentes na cidade.

De qualquer modo, o grande momento das solenidades da Semana Santa na “Cidade Jardim” era o Domingo de Ramos. Tratava-se de um dia faustoso, permeado de celebrações e de pessoas perambulando pelas ruas entre a matriz e o Rosário. A abertura da principal semana do catolicismo atraía devotos da zona rural e fazendeiros que se deslocavam com suas famílias para os seus casarões. Assim como uma grandiosa ópera, o dia era dividido em dois atos: o da manhã e o da tarde.

Logo cedo, aproximadamente às 9 horas era celebrada a missa de Ramos, acompanhada de sermão e procissão pelas ruas próximas a matriz. Nas palavras do vigário, Cristo aparecia como herói, como um rei que adentrara a cidade Jerusalém, cercado pela multidão com ramos nas mãos. Um idílio para os dramas que estariam por vir.

À tarde, a população deslocava-se para o templo. Multidões se formavam aguardando a saída das imagens para o ato mais solene do dia. Solene e doloroso. O Senhor dos Passos e a Virgem das Dores iriam percorrer as ruas da cidade para uma das tradições mais peculiares ao catolicismo popular no Brasil. Em 1981 o padre Aires estava na cidade para celebrar os sermões do período e o

Encontro certamente era o que promovia mais comoção. Em “História de minha infância” Gilberto Amado narra a expectativa dos fieis para a homilia de Aires:

Nunca tinha imaginado ver coisa assim, festa tão grande, tal movimento. Houve brigas por causa de lugares nas tribunas de igreja. Famílias tiveram que ser colocadas em coretos armados à pressa ao longo da nave de um lado e de outro de maneira a duplicar a capacidade do templo. A multidão extravasava de planos superpostos. Meu pai, de colarinho muito alto e de botinas de verniz, parecia um retrato inteiro de pintura antiga que tinha visto num livro. Os bigodes (a esse tempo usava-os), quando me suspendeu a uma tribuna para que eu visse melhor, recendiam a um perfume da moda que me embrulhou o estômago. Achei-me na pior situação de minha vida. Comprimido entre as cadeiras unidas umas às outras para dar lugar ao maior número de senhoras, as saias duras roçavam-me as pernas que o calção não cobria senão do joelho para cima. Minha cabeça não chegava à altura dos peitos espartilhados. Eu nada podia ver (Amado, 1999, p. 26).

A narrativa de Amado exhibe uma cidade rumorosa. Como já foi apresentado anteriormente, a matriz de Estância era uma das mais imponentes de Sergipe e mesmo assim, não tinha condições de abrigar todos os fieis. Bancos apertados, coretos improvisados e uma multidão espremida tentando observar o sermão demonstram a grandiosidade do evento religioso. Essa multidão, segundo o memorialista, era descomunal, nunca antes vista na cidade. Contudo, pode-se afirmar que a Semana Santa de 1891 não foi um caso isolado na história do catolicismo estanciano. Os registros jornalísticos evidenciam no alvorecer do novo século o afluxo de devotos para as solenidades da Paixão permanecia ativa. Prova disso é descrição da Procissão dos Passos de 1911 publicada em “A Razão” do dia 23 de abril:

Semana Santa. Procissão dos Passos. As 4 ½ horas da tarde d’este mesmo dia saíu, em procissão, da Capella da Mãe de Deus do Rosário a imagem do meigo Rabbi Nazareno, tendo seu encontro com a Virgem defronte do palacete Nabuco, onde funciona o Collegio Tobias Barretto. Coube ao Revmo. Pe. José Celestino o desempenho do discurso análogo ao acto. Ao recolher o religioso préstito fallou a multidão que encheu a matriz o Revmo. Vigário que produziu emocionante oração (A Razão, 23-04-1911, p. 1).

A Procissão do Encontro era manchete na imprensa estanciana. A Razão em sua primeira página noticiava o grande acontecimento da cidade. O maior realce das solenidades ocorreu no último decênio do século XIX e nos primeiros anos da nova centúria. Nesses vinte era comum que a imprensa noticiasse de forma incitada o nome de grandes oradores sacros convidados para celebrarem os sermões. Era uma estratégia de se formar novos atrativos. Isso denota que no novo modo de catolicismo tecido na paróquia Nossa Senhora de Guadalupe os dramas da Paixão de Cristo não tinha apenas como cerne as imagens votivas e a teatralidade das procissões. Foi criada uma rede simbólica permeada pelas

palavras evangelizadoras dos vigários. Os sacerdotes se tornavam paulatinamente agentes da romanização, da transformação das expressões do catolicismo popular. Essa constatação se torna evidente quando comparamos a Procissão do Encontro no curto período de 20 anos, em que sobressaem alterações insofismáveis.

O catolicismo rústico ou popular foi uma das principais marcas da religiosidade estanciana. Todavia, nas décadas finais do século XIX o teor dos sermões passou por significativas transformações, deixando-se de lado a dramaticidade da morte de Cristo e adotando uma postura mais reguladora do rebanho de fieis. O padre Aires foi um dos últimos vigários convidados que permanecia com a tradicional forma de solenizar os martírios de Cristo, fazendo inclusive associações entre o sofrimento de Jesus a caminho do calvário com as dores do povo marginalizado.

As prédicas eram ocasiões de extremo respeito, tanto por parte do clero, como dos devotos que aguardavam ansiosos pelas palavras que faziam reviver os tormentos da crucificação. Ao principiar a homilia os ruídos se dissipavam e prevalecia o silêncio, como revela Gilberto Amado:

Recompondo hoje, tenho uma visão de Espanha, de tanto pente de tartaruga nas cabeleiras altas. O rebuliço, estralejar de cadeiras, de gente levantando-se num rugir monstruoso de saias, ranger de sapatos, tosses e raspagem de garganta, durou um minuto. Procurei atingir a tribuna, mas não pude, do fundo onde tinha sido posto. Padre Aires tinha subido ao púlpito. A voz chegava aos meus ouvidos, um pouco trêmula. Palavras que não compreendi, “era latim”, mas ouvi bem claro estas: “Fala Deus” (Amado, 1999, p. 26-27).

A celeuma durava poucos instantes. O homem ao rememorar a sua infância provoca uma reflexão e o seu texto é fruto dessa releitura do passado. Mesmo assim, não podemos negligenciar as obras mnemônicas como fonte histórica. O historiador deve atentar-se para as nuances próprias do texto literário, mas pode buscar as brechas, as frestas de um passado que se oculta nas páginas de tais obras. Por esse motivo é de fundamental importância o cruzamento de fontes, principalmente quando se busca registros históricos de origens diversas.

Ao discutir sobre as lembranças pessoais, nas quais se incluem as de Gilberto Amado, Michel Pollak declara a importância da sonoridade para os registros de cunho mnemônicos afetivos. Ele afirma que “nas lembranças mais próximas, aquelas que guardamos recordações pessoais, os pontos de referência geralmente apresentados são (...) de ordem sensorial: o barulho, os cheiros, as cores” (Pollak, 1989, p. 11).

Nessa perspectiva podemos entender a insistência de Gilberto Amado em registrar os ruídos que aparentemente atormentaram o garoto na tenra idade.

Por esse ângulo, se torna possível entender as diferentes temporalidades existentes na narrativa do autor e na própria celebração. Além disso, o ululante estalar das saias das mulheres que se encontravam nas tribunas e coretos revela uma faceta da sociabilidade inerente a Procissão dos Passos, com a busca de reconhecimento social, de legitimação, de demarcação do lugar social de cada segmento. Certamente, as saias das mulheres que não conseguiram adentrar no templo não provocavam tantos ruídos. Mesmo que os tecidos baratos fossem capazes de estrondar, seriam estampidos silenciados, rumores esquecidos pela pena do memorialista.

O memorialista preferiu registrar os atos solenes, o luxo dos devotos, pregação barroca do padre Aires e as catástrofes que testemunhara. Foi isso que ocorreu no sermão do Encontro de 1891. A superlotação nos coretos montados para a ocasião resultou num princípio de desastre. Tudo diante do velho sacerdote. Tudo a vista do memorialista estanciano:

“Fala Deus!”... Subitamente, reboou um estrondo, um barulhão medonho. Uma gritaria, um tropear de debandada. Rostos empalideceram. Mulheres bradavam: “Oh, meu Deus! Virgem Maria! Meu Santíssimo Sacramento!” Todos os sons se misturavam. “Calma! Calma!”.

De tanto ouvir contar e recontar reconstituiu: Padre Aires recitava a Escritura de maneira especial. Dizia uma frase latina e exclamava em seguida: “Esta é a voz de Deus!”. Outras vezes dizia: “Fala Deus!” Não acabara de pronunciar estas palavras quando dois coretos desabaram. Esperou-se que houvesse numerosos feridos e até mortos. Pois nada de importante aconteceu, nada, fora contusões, arranhões ligeiros. Nenhum dos ouvintes teve de ser carregado (Amado, 1999, p. 27).

Um sermão milagroso e trágico. Uma cena digna da trama barroca. A narrativa de Gilberto Amado referenda o imaginário barroco que ainda perscrutava a sociedade estanciana de fim de século. Leitura dos textos sagrados em latim e o vigário clamando pela fala de Deus concomitante com uma cena de terror são elementos um episódio épico, digno das narrativas próprias da sociedade católica oitocentista. O autor tenta descrever o que presenciou e complementa com as outras versões que ouviu ao longo de sua vida. É um sinal que tal episódio teve uma repercussão que perdurou por muitos anos na cidade jardim. Medo, pânico e aflição povoaram aqueles instantes após a queda dos coretos. Mais dramática e mística é a descrição que Amado faz da postura do velho padre Aires diante de tão dantesca cena:

O padre não deixara o púlpito. Ajoelhara para orar enquanto o redemoinho dominava; rezou todo o tempo. Vieram-lhe comunica RO milagre: nada de sério ocorrera. Então, recomeçando o sermão, todo ereto, alto, solene e docemente, apontou para o altar onde estava o Senhor Morto e declamou alargando o gesto: “Cristo morrendo!” Voltou-se para o lugar em que se amontoara o coreto caído, e disse: “Cristo salvando!”. Se palmas tivessem

sido permitidas na igreja, a igreja teria vindo abaixo. Durante anos, ouvi meu pai contar e recontar o fato e rematar: - Que padre! Aquilo que é orador sacro! (Amado, 1999, p. 27).

As celebrações da Semana Santa de Sergipe eram marcadas pela apresentação de gala, na qual até os gestos eram controlados. O escritor descreve o impacto da cena do padre ajoelhado, rezando cabisbaixo diante dos escombros e devotos apavorados. Uma descrição tipicamente do catolicismo rústico, em que o sacerdote evidencia o sacrifício do Cristo sofredor com as mazelas da humanidade. Os sacrifícios são vistos nesta ótica como um sinal de redenção. O desastre emerge como algo pensado ou ao menos providencial, para enfatizar o poder do sagrado diante da enorme massa de pecadores. O padre Aires encarnava a estética barroca do catolicismo. As palavras soavam em harmonia com a trama vivida, com as dores do povo e do sagrado. Seus gestos dissimulavam os tormentos e exibiam a epopéia dos últimos instantes de Jesus para salvar a humanidade. Também seu corpo expressava o catolicismo barroco. Sua voz trêmula evidencia que as palavras proferidas não tinham mais tanto eco como ocorrera em outrora. Seu corpo cansado e velho demonstrava que o clero estava renovado. Sua altivez ereta diante do público disfarçava um modo de celebrar que agonizava. O seu reumatismo confirmava que aquele modelo de pregação não duraria por muito tempo. Por fim, as palavras conclusivas de seu Melchisedech Amado, pai de Gilberto Amado, davam o veredito. “Que padre! Aquilo que é orador sacro!” É uma frase que evidencia que os tempos mudaram que a Igreja também mudara.

Nos anos subseqüentes, a Irmandade do Santíssimo Sacramento continuou convidando padres renomados, importantes pregadores. Todavia, o perfil desses novéis vigários era bem distinto. Eram pregadores da boa-nova, da romanização, ou seja, defensores da renovação do catolicismo e de suas devoções, principalmente as populares. A imprensa local apresentava entusiasmada a programação da Semana Santa:

A tarde terá logar a procissão dos Passos, sendo o encontro das imagens a casa do Revmo. Vigário e Sr. Intendente. A tribuna será ocupada pelo cônego Tertuliano Pereira da Rocha. A orchestra deste acto está a cargo da distincta Philarminica Lyra Carlos Gomes, que tocará nas procissões durante a semana santa (A Razão, 20-03-1910, p. 1).

Padres convidados e presença da orquestra eram sinais de magnitude inerente às celebrações. Outro ponto a ser observado é que o encontro, ápice da solenidade, ocorria diante da casa do pároco, que por sinal também acumulava o cargo de intendente municipal. Nesse caso, o homem que ocupava os dois cargos mais importantes de Estância, buscava o reconhecimento social com a

pregação do sermão diante de seu lar. A casa do padre-político se transformaria em auditório do teatro da Paixão.

Na edição seguinte o jornal descreveu a procissão e o sermão do Encontro, apontando algumas frustrações do público presente, em decorrência da ausência do padre convidado:

A tarde teve lugar a procissão dos Passos, que nesta cidade sempre tem primado pela correção. Conforme havíamos publicado deveria ocupar a tribuna evangélica, por ocasião do encontro das imagens, o cônego Tertuliano Rocha, vigário de Aporá, no estado da Bahia, que deixou de vir por motivo que nos é desconhecido até agora. Na sua falta teve o cônego Victorino de assomar a referida tribuna produzindo um sermão tão tocante e bello em sua feição, que alguém chegou a dizer: jamais fazer elle outro igual. Ainda no decorrer do préstito, na matriz, proferiu o mesmo uma emocionante e elaborada oração, que nada deixou a desejar. Durante a procissão e seu recolher coube a orchestra da Lyra, o cabal desempenho do sublime trecho musico sacro *Et recordatus* (A Razão, 27-03-1910, p. 3).

Como pode ser observado, o padre-intendente foi obrigado a acumular a função de pregador nos dois momentos mais importantes da procissão dos Passos: o encontro e a chegada. No entanto, o que mais desperta a atenção na descrição do jornal é a primeira frase, em que foi anunciada que a procissão dos Passos em Estância costuma “ter primado pela correção”. Essa frase aparentemente irrelevante expõe duas perspectivas da romanização das festas em Sergipe. Primeiro, evidencia o anseio em transformar as celebrações públicas católicas em atos de fé, de acordo com as normativas do Vaticano, sem as expressões populares. Isso inclui a maior e efetiva intervenção do clero. O sacerdote se torna foco das atenções, tanto nas homilias, como na condução da solenidade.

O segundo ponto se refere a uma crítica oculta na assertiva. O jornal especificou que a procissão dos Passos costumava ser realizada com correção na Estância. Isso incute afirmar que haveria alguma cidade de Sergipe em que essa mesma procissão não ocorria conforme as determinações da Igreja. O periódico se referia à festa de Passos da cidade de São Cristóvão, que reunia uma multidão de fieis e era realizada com fortes elementos do catolicismo barroco penitencial, incluindo as práticas públicas de sacrifícios. A festa de Passos da velha São Cristóvão era bem conhecida dos redatores do jornal, tendo em vista que todos os anos o periódico noticiava a ida da família do seu proprietário (que também era escrivão da Irmandade do Santíssimo Sacramento de Estância) para os referidos atos religiosos: “Augusto Gomes. De S. Christovam onde foi levar pessoas de sua família a assistir a festa de Passos chegou terça-feira este nosso amigo e proprietário desta folha” (A Razão, 19-03-1910, p. 1).

A documentação revela frestas dos anseios de sua época. O que aparentemente demonstrava harmonia e continuidade representava uma tensão entre o clero reformado e os leigos apegados às velhas práticas populares, assim como uma ruptura dos modos de celebrar. As procissões não visavam apenas representar os martírios do “Salvador”, mas inscrever novas práticas religiosas pautadas na ordem e obediência. Isso deveria ser reforçado com a presença de padres convidados, especialmente estrangeiros e do clero regular, como transparece na programação da Semana Santa publicada no jornal “A Razão” de 1911:

9 horas missa de ramos com Pe. José Celestino, frei Joaquim Benke e cônego Victorino Fontes. As 4 horas da tarde sahirá, em procissão, a imagem do Bom Jesus, conduzida por sua confraria. A Irmandade do SS. Sacramento solenizará o acto e conduzirá o palio sob o qual será conduzido o Santo Lenho. Passos armados: 1º junto a Capela do Rosário; 2º casa do senhor Manoel Vieira; 3º casa do Major Francisco Quaresma; 4º proximidades do Collegio Tobias Barretto com Sermão do Encontro; 5º casa do senhor Pautelo Fontes; 6º senhor Antônio Dantas de Andrade; 7º Matriz com sermão do vigário (tribuna com Celestino) jesuíta da Bahia convidado pela Irmandade do Santíssimo Sacramento. Não haverá officio de Trevas dispensado pela falta de respeito (A Razão, 09-04-1911, p. 1).

Um texto revelador. A programação divulgada em “A Razão” elucida diferentes pontos discutidos até então. O primeiro é referente à presença de padres convidados, incluindo franciscanos alemães instalados na cidade de São Cristóvão (frei Joaquim Benke) e jesuítas da Bahia. É uma evidente demonstração das apreensões da Igreja em regular as festas populares. Outro ponto é a rede de sociabilidade que foi gestada entre as duas principais irmandades de Estância, pois a confraria de Bom Jesus dos Passos seria a responsável pela condução da charola, enquanto os irmãos do Santíssimo Sacramento transportariam o pálido. No alvorecer do século XX não existia mais a festa do Senhor Bom Jesus dos Passos em setembro e com isso os irmãos foram integrados nas cerimônias do Domingo de Ramos. A extinção de solenidades refere-se também ao terceiro ponto a ser analisado. A programação foi encerrada com a notícia que não seria mais realizado officio de Trevas, devido à “falta de respeito”. Mais uma vez os indícios da romanização e do controle das devoções afloram. O calendário festivo católico paulatinamente foi esvaziado, permanecendo somente celebrações que estavam sob a tutela do clero ou que poderiam ser controladas pelo mesmo.

Além disso, o roteiro da Procissão do Encontro e a definição dos Passos estabelecem a constituição da hierarquia social na cidade. A elite estanciana foi agraciada com as paradas da procissão e o canto dos motetos diante de suas casas. Eram os filhos dessa elite, vistos como honrados católicos, que

encenavam no sermão do descimento da cruz, momentos antes do sermão das lágrimas e da procissão do enterro do Senhor, dando vida aos personagens da Paixão de Cristo:

Representou a Verônica, como já havia feito por ocasião da Procissão dos Passos, uma filha do distinto artista Mauricio Rodrigues. A representante da Magdalena foi uma filha do Major Francisco Monteiro. O pequeno Francisco Pires representou o evangelista e a interessante filhinha do senhor Heleodoro Alves Vianna um dos paranyphos celestes (A Razão, 27-03-1910, p. 3).

Homens e mulheres encenando a Paixão de Cristo, em meio às imagens votivas. Em Estância, assim como em inúmeras localidades do país a religiosidade foi um caminho seguido pela elite para reafirmar o seu lugar de destaque. As procissões da Semana Santa eram o palco perfeito para a exposição de uma elite constituída e consolidada, que se exibia em suas irmandades, segurando o páblio e charolas, seguindo as normas de um catolicismo renovado e austero no modo de agir, mas sem esquecer a pompa e exuberância do exhibir. Eram procissões em que a cidade tida como mais moderna do estado de Sergipe encontrava-se com a Igreja reformada.

Fontes

A Razão, 19-03-1910, p. 1

A Razão, 20-03-1910, p. 1

A Razão, 27-03-1910, p. 3

A Razão, 09-04-1911, p. 1

A Razão, 23-04-1911, p. 1

Referências Bibliográficas

AMADO, Gilberto. *História de minha infância*. São Cristóvão: EDUFS/Fundação Oviêdo Teixeira, 1999.

ANDRADE, Péricles. *Sob o olhar diligente do pastor: a Igreja Católica em Sergipe*. São Cristóvão: EDUFS, 2010.

AZZI, Riolando. *A Sé Primacial de Salvador: a Igreja católica na Bahia. 1551-2001*. Vol. II. Petrópolis-RJ: Vozes, 2001.

BOSCHI, Caio César. *Os leigos e o poder: irmandades leigas e política colonizadora em Minas Gerais*. São Paulo: Ática, 1986.

CASAL, Aires do. *Coreografia Basílica*. 1. ed. 1817. Belo Horizonte: Itatiaia/EDUSP, 1976.

MESGRAVIS, Laima. *A Santa Casa de Misericórdia (1599-1884): contribuição ao estudo da Assistência Social no Brasil*. São Paulo, 376 f. Tese (Doutorado em História). São Paulo, USP, 1972.

PASSOS SUBRINHO, Josué Modesto dos. *História Econômica de Sergipe (1850-1930)*. Campinas, 158 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Econômica). Unicamp, 1983.

PEDRO II, Dom. Diário do Imperador D. Pedro II na sua visita a Sergipe em Janeiro de 1860. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe*. Nº 26ª. Aracaju: IHGS, 1965, p. 64-78

SANTANA FILHO, José Bernardino de. *Paróquia Nossa Senhora da Vitória: 400 anos de História, Fé e Evangelização*. Aracaju: J. Andrade, 2008

SANTOS, Francisco José Alves dos. Igreja Nossa Senhora do Rosário: religião e diferenciação social. In: *Cadernos de História UFS*. São Cristóvão, 1984.

_____. Espaço e distintividade: Igreja Nossa Senhora do Rosário de Estância, Igreja da elite. In: *Geonordeste*. São Cristóvão, 1985.

_____. Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Estância: notas para a sua História. In: *Cadernos do Programa de Documentação e Pesquisa Histórica*. São Cristóvão: DHI-UFS, 1987, p. 5-12.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. Pândega de Promesseiros: sabores e penitência na Festa de Passos novecentista. In: ANAIS DO III ENCONTRO NACIONAL DO GT HISTÓRIA DAS RELIGIÕES E DAS RELIGIOSIDADES – ANPUH -Questões teórico-metodológicas no estudo das religiões e religiosidades. In: *Revista Brasileira de História das Religiões*. Maringá (PR) v. III, n.9, jan/2011. ISSN 1983-2859. Disponível em <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>

SANTOS, Dijalma Oliveira Trindade dos. *Devoção e Assistência: compromissos de irmandades sergipanas no século XIX*. São Cristóvão, 205 f. Monografia (Licenciatura em História) Departamento de História. Universidade Federal de Sergipe, 2008.

SANTOS, M. F. J. ; SANTIAGO, M. M. S. Desastre de Ano Bom: Tristes Lembranças da Festa de Bom Jesus dos Navegantes de 1911 em Aracaju. *Caderno do Estudante (UFS)*, v. 5, p. 37-44, 2006.

SILVA, Sheila Farias. *Nas teias da fortuna: homens de negócio na Estância oitocentista (1820-1888)*. Salvador, 167 f. Dissertação (Mestrado em História). UFBA, 2005.

SOUZA, Antônio Lindvaldo. *O Eclipse de um farol: contribuição aos estudos sobre a romanização da Igreja Católica no Brasil (1911-1917)*. São Cristóvão-SE: EDUFS, 2008.

SOUZA, Antonio Moniz de. *Viagens e Observações de um brasileiro*. Organização e notas de Ubiratan Castro de Araújo. 3ª ed. Salvador: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 2000.

WALLE, Paul. *No Brasil, do Rio São Francisco ao Amazonas*. Trad. Oswaldo Biato. Brasília: Senado Federal, 2006.

ⁱ Nesse caso estamos nos referindo às práticas populares que impregnavam o catolicismo do Brasil oitocentista. Entre as principais práticas populares, destacavam-se os sacrifícios públicos, o depósito de ex-votos e a presença de manifestações culturais das camadas populares no seio das celebrações católicas.

ⁱⁱ A Procissão dos Passos era realizada em São Cristóvão, primeira capital de Sergipe desde o século XVIII. Era a romaria que atraía o maior contingente de romeiros e também a que apresentava os maiores espetáculos de práticas sacrificiais.

ⁱⁱⁱ Essa procissão passou a ser realizada em Aracaju desde 1856, apenas um ano após a fundação da cidade e transferência da capital.

^{iv} É o caso da Irmandade Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos e da Confraria São Benedito, da cidade de São Cristóvão, que compartilhavam o mesmo templo e demonstravam haver alentado laços de cooperação entre si.

^v São exemplos dessa assertiva as pesquisas desenvolvidas por Sheila Farias Silva (2005) e Josué Modesto dos Passos Subrinho (1983).

^{vi} Provavelmente, na cidade de Estância do século XIX existiam quatro irmandades. Duas eram constituídas pela elite local, que eram as irmandades do Santíssimo Sacramento e do Senhor Bom Jesus dos Passos, ambas localizadas na igreja matriz. A terceira era formada por escravos e libertos. Tratava-se da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, localizada no templo da mesma devoção. Já a quarta irmandade, teria sido a responsável pela edificação da Igreja Nossa Senhora do Amparo e provavelmente os irmãos teriam como orago a mesma devoção mariana. Sobre a existência da possível Irmandade de Nossa Senhora do Amparo só há cogitações, pois ainda não foi localizado nenhum documento que comprovasse ou mencionasse a sua existência. Apesar disso, ela é mencionada em alguns estudos sobre as irmandades estancianas, principalmente nos artigos de Francisco José Alves dos Santos (Santos, 1985, p. 64). Nesse estudo não incluiremos essa irmandade por não termos um testemunho de época que justifique a sua existência e, principalmente, a participação nas solenidades religiosas da cidade.

^{vii} A referida irmandade inicialmente determinava no Artigo 6º de seu compromisso como qualidades primordiais para ser admitido como irmãos: § 1.º Ter boa conducta moral, e ser Catholico, Apostolico Romano. § 2.º Ser branco.

^{viii} Segundo o compromisso da Irmandade do Santíssimo Sacramento de Estância, os irmãos deveriam possuir dez livros para registrar as atividades desenvolvidas pela diretoria (Santos, 2008, p. 49)

^{ix} Gilberto de Lima Azevedo Souza Amado de Faria nasceu em Estância (SE) em 1887 e faleceu no Rio de Janeiro (RJ) em 1969. Eleito em 3 de outubro de 1963 para a cadeira nº 26 da Academia Brasileira de Letras, na sucessão de Ribeiro Couto, foi recebido em 29 de agosto de 1964, por Alceu Amoroso Lima. Era o primeiro dos 14 filhos do casal Melchisedech Amado e Ana Amado. Fez os estudos primários em Itaporanga, também no interior de Sergipe. Depois estudou farmácia na Bahia e diplomou-se pela Faculdade de Direito de Recife, da qual se tornou, ainda muito moço, catedrático de Direito Penal. Transferiu-se para o Rio de Janeiro em 1910, iniciando-se no jornalismo. Sua atividade política começou em 1915, quando elegeu-se pela

490

primeira vez deputado federal por Sergipe, permaneceu na Câmara dos Deputados até 1917. Novamente eleito deputado federal em 1921, foi reeleito em 1924, cumprindo mandato até o final de 1926. Ainda em 1927 elegeu-se senador, sempre por seu estado natal. Sua carreira política terminou com a Revolução de 1930.

^x No século XIX Sergipe possuía inúmeros vigários que se destacaram pelos seus sermões eloqüentes, entre os quais podemos citar Frei José de Santa Cecília e o vigário Barroso, laranjeirense que se tornou pároco da Vigaria Geral de Sergipe na segunda metade do oitocentos e que fez memoráveis sermões na Festa de Passos da cidade de São Cristóvão.

^{xi} Refere-se a sexta-feira anterior ao Domingo de Ramos, ou seja, última sexta-feira antes da Paixão.

^{xii} Em cidades como São Cristóvão, Aracaju, Itaporanga d'Ajuda e Laranjeiras, a procissão do Encontro era antecedida por uma procissão noturna, conduzindo a imagem do Senhor dos Passos ou de Nossa Senhora das Dores (no caso de Itaporanga d'Ajuda).